

FAZENDO ANTROPOLOGIA NA HUNGRIA: UMA ENTREVISTA COM A PROFESSORA DR^a VERONIKA LAJOS

Hitalo Ricardo Alves Pereira

Mestre em Antropologia Cultural pela Universidade de Miskolc, Hungria
<https://orcid.org/0000-0003-3399-928X>
E-mail: hitalow@gmail.com

Veronika Lajos

Professora Associada e Chefe do Programa de Mestrado em Antropologia
Cultural da Universidade de Miskolc, Hungria
<https://orcid.org/0000-0002-0767-8426>

REVZAB
● ● ● ● ● ●

Como este dossiê se concentra em mostrar diferentes processos do ‘tornar-se’ antropólogos em meio a precariedades multifacetadas, nesta entrevista conversei com a professora associada e chefe do Programa de Mestrado em Antropologia Cultural da Universidade de Miskolc (UM), Hungria, Dra. Veronika Lajos, para saber mais sobre seus processos de tornar-se uma antropóloga na Hungria.

Abordando a formação e as experiências profissionais de Lajos fazendo antropologia na Hungria em meio a precariedades, o que é apresentado aqui são seus caminhos pessoais na disciplina; e uma breve, porém mais ampla, visão sobre a situação da antropologia na Hungria e suas configurações acadêmicas e profissionais.

A entrevista foi realizada em agosto de 2024 por meio de tópicos guias e algumas perguntas pontuais. Está estruturada na seguinte ordem: uma breve introdução sobre a conexão de Lajos com a antropologia; as visões de Lajos sobre a antropologia húngara e sua institucionalização; e sobre o início — e contingências — de dois programas de mestrado em Antropologia Cultural conduzidos totalmente em inglês na Hungria.

O que é apresentado aqui é uma versão resumida da nossa conversa.

119 Experiências e Carreira Profissional de Veronika Lajos na Antropologia

Hitalo: Você poderia nos contar um pouco sobre sua carreira e experiências na Antropologia?

Veronika Lajos: Eu me formei há 20 anos em Etnografia e Etnologia Europeia, e mais tarde em História na Universidade de Debrecen, Hungria. Na época, no sistema de ensino superior húngaro, não havia diferença entre bacharelado ou mestrado. Todos faziam cinco anos se quisessem obter algum diploma em uma universidade. Me formei em Etnografia e fiz uma especialização em Antropologia Cultural e Museologia em cinco anos. Durante meus estudos, passei dois meses em Cluj-Napoca, Romênia, como estudante de intercâmbio e meio ano na Finlândia por meio de uma bolsa Erasmus. Em 2004, comecei meu doutorado em Etnologia Europeia na mesma universidade. Fiz minha pesquisa na Romênia, com foco em uma minoria de origem húngara que vivia em um dos povoados na parte nordeste da Romênia, chamada Moldávia. Meu estudo foi tentar entender como a vida sociocultural desse povo mudou ao longo dos anos, entre as décadas de 1940 e 2000, para identificar quais desafios os processos de modernização e globalização trouxeram para essa sociedade camponesa "tradicional", os chamados Csángós da Moldávia. Minha dissertação teve como objetivo examinar a questão da adaptação aos processos de transformação radicais (estes sendo, socialismo e pós-socialismo) que ocorreram no ambiente macrossocial e moldaram as condições locais. Os meios de adaptação cultural foram apresentados através de uma das possíveis interpretações dos casos limítrofes, simbólicos e "reais", na transição social que ocorreu na Moldávia entre as décadas de 1940 e 2000. Minha dissertação, baseada em um trabalho de campo de 10 a 12



meses de duração e feita a partir do método de história de vida, teve como objetivo analisar os processos culturais e sociais que promoveram a aplicação de estratégias de modernização ao status de prática legítima na sociedade camponesa Csángós da Moldávia. Assim, eu queria saber como eles aplicam seu 'kit de ferramentas culturais' para enfrentar os desafios radicais dos processos de modernização e globalização, e de que forma eles dão sentido às transições sociais e culturais.

Enquanto eu fazia meu trabalho de campo, trabalhei como professora de língua húngara para crianças entre quatro e dez anos, e percebi que o mundo da vida do povo moldavo Csángó era muito complicado e multifacetado, com múltiplos laços culturais e linguísticos (húngaro, romeno e Csángó). Foi nesse ponto que comecei a pensar: é suficiente para mim fazer um trabalho de pesquisa "clássico" e tentar entender e estudar melhor as questões acadêmicas ou devo me esforçar para algo a mais na disciplina de antropologia? Bem, o primeiro problema dos Csángós não era a aquisição da língua húngara ou a construção de uma identidade nacional húngara na época. Como você pensa sobre isso enquanto vive de empregos precários, numa vida cotidiana precária e tem de quatro a seis, sete filhos? Então, os jovens foram para o exterior e os idosos ficaram na aldeia, sozinhos. O que você pode fazer com as pessoas que ficam em casa quando elas precisam de atenção? Muitas perguntas surgiram quando eu estava lá. E foi assim que comecei a pensar sobre isso, a aplicação do conhecimento e entendimentos antropológicos. Defendi minha dissertação de doutorado em 2011, mas depois que terminei meus estudos como aluna de doutorado em 2007, comecei a trabalhar no Grupo de Pesquisa Etnológica da Academia Húngara de Ciências, no Departamento de Etnografia da Universidade de Debrecen, Hungria. Em 2017, comecei a trabalhar no Departamento de Antropologia Cultural e Visual da Universidade de Miskolc, Hungria. Desde 2010, tenho me interessado cada vez mais por pesquisa participativa, antropologia aplicada, antropologia feminista e, mais recentemente, em pesquisas baseadas em artes. Também vejo uma continuação dos meus interesses no que aprendi e fiz durante meu trabalho de campo de dissertação sobre processos de adaptação cultural nas maneiras pelas quais tento apoiar estudantes internacionais quando o mesmos enfrentam desafios sociais e culturais ao viverem em condições muito diferentes das que costumavam viver.

Antropologia Húngara

Hitalo: E como tem sido fazer antropologia na Hungria? Você poderia nos dar uma visão mais ampla da Antropologia Húngara? Alguma relação com a precariedade?

Veronika Lajos: Então, no momento, há dois departamentos na Hungria nos quais você pode estudar antropologia. Antropologia cultural e antropologia visual. Um deles está situado na Universidade Eötvös Loránd (ELTE), em Budapeste, mas lá só existe um programa de mestrado. O outro fica na Universidade de Miskolc, onde eu trabalho. Temos o programa de bacharelado e o programa de mestrado. Esses são os únicos dois lugares onde você pode estudar as especializações completas. Mas há, em várias universidades húngaras ou talvez em todas elas, cursos de antropologia dentro das especializações em ciências sociais, como Introdução à Antropologia Cultural. Além disso, há os departamentos de Etnografia e

Etnologia Europeia, onde você tem mais aulas de antropologia, geralmente a história da antropologia, teoria antropológica e alguns subcampos. No entanto, tendo a pensar que o número de programas principais de antropologia é suficiente porque a Hungria não é tão grande. Quer dizer, mesmo em Miskolc não há tantos alunos se inscrevendo ou querendo continuar em um mestrado em antropologia depois de terminar seus estudos no bacharelado. Então, não tenho tanta certeza se há necessidade de mais programas. Contudo, há necessidade de mais antropólogos e seus conhecimentos, habilidades e competências para se candidatarem.

Ser aceito como antropólogo na Hungria pode ser algo estranho. Não sei exatamente como isso ocorreu, mas na Hungria, a carreira na antropologia cultural começou na década de 1980, tendo suas raízes décadas antes, e só foi totalmente aceita ou reconhecida como uma disciplina no sistema de ensino superior húngaro na década de 1990. Contudo, quando um aluno termina um curso de antropologia cultural na Húngria, ele não consegue encontrar descrições de cargos que queiram antropólogos culturais. A antropologia cultural, como profissão, ainda não é reconhecida como tal no país. Como os antropólogos têm um diploma nas ciências sociais, eles podem se candidatar a diferentes tipos de empregos que exigem conhecimento geral em ciências sociais, embora quase ninguém saiba de fato o que é um antropólogo cultural na Hungria. Exceto, com exagero, um punhado de acadêmicos e alguns estudantes universitários, já que a antropologia ainda não é amplamente reconhecida. Acho que é nossa responsabilidade agora ampliar o cenário para a antropologia na Hungria ou pelo menos chamar a atenção para a existência de uma profissão chamada antropologia cultural. Claro, há organizações não-governamentais húngaras, como a Associação Anthropópolis, a Fundação PAD ou a Fundação *Artemisszió*, em que seus profissionais se consideram antropólogos praticantes ou antropólogos culturais trabalhando fora da academia. Foi somente em 2021 que a Academia Húngara de Ciências reconheceu a antropologia cultural com seu próprio Comitê de Antropologia Cultural dentro do sistema da Academia Húngara.

121

Antropologia na Hungria

Hitalo: Como você mencionou, a Hungria tem dois programas de Antropologia: um na Universidade de Miskolc que tem bacharelado e mestrado; e um na ELTE, que tem apenas mestrado. Como um esforço recente, ambos os departamentos lançaram versões em inglês de seus programas de mestrado, e eu fui aluno de um deles. Você poderia nos dar uma visão geral desses programas? e seus desafios e distinções.

Veronika Lajos: Começamos nosso programa na Universidade de Miskolc em 2021. Eu sou a chefe do programa e, como você sabe, começamos a planejar muito antes, com o currículo, etc. Então é bem recente. Na ELTE, eles começaram seu programa mais cedo, talvez quatro ou cinco anos antes. Quando estávamos planejando começar o programa em Miskolc, conversei com um dos professores que trabalhava na ELTE para obter algumas informações e ver quais seriam os desafios, e um dos desafios que eles disseram — e eu concordo totalmente com eles — é que para ter um programa de inglês realmente bom você precisa de um funcionário que seja falante nativo, porque pode ajudar muito especialmente na escrita. Na ELTE eles conseguiram contratar um depois de muitos anos. Nós, infelizmente, ainda não pudemos, pois não está sob minha autoridade ou decisão. O que posso fazer é convidar alguns



professores para dar algumas palestras sobre diferentes tópicos. No entanto, somos o único programa na Hungria que ensina antropologia visual em inglês, e talvez esta seja uma das nossas características mais únicas.

Hitalo: E Vera, como é ensinar antropologia para uma maioria de estudantes que não têm especialização/ou conhecimento em antropologia ou ciências sociais e que vêm de diferentes partes do mundo? Especialmente considerando questões relacionadas a vida desses estudantes que também são imigrantes, condição que às vezes pode interferir nas obrigações e demandas acadêmicas dessas pessoas. Além disso, há uma grande diferença entre ensinar pessoas que são do mesmo país que você?

Veronika Lajos: Parece-me que os alunos internacionais são mais motivados e dispostos a aprender do que os alunos húngaros. Uma das razões para isso pode ser que os alunos internacionais geralmente não são alunos de 18 anos que não sabem o que fazer ou o que querem e que provavelmente acabaram de escolher uma disciplina e ingressaram em antropologia. Em termos de vida de imigrante, acho que às vezes ouvir os alunos pode ser libertador ou apenas o suficiente. Também tento ser uma iniciadora de pequenas mudanças na universidade, para que eu possa ajudar os alunos internacionais a se sentirem mais confortáveis na Hungria e em casa. Como os dois workshops que ministrei no outono passado sobre adaptação cultural e como enfrentar diferentes estágios do processo de adaptação cultural. Agora, neste outono, estou desenvolvendo um curso baseado nesses workshops para tentar entender melhor o lado dos estudantes internacionais e o que eles passam durante sua estadia na Hungria.

122

Hitalo: Você acha que experiências com estudantes internacionais e diferenças culturais também podem estar redirecionando seus interesses de pesquisa ou seu papel como antropóloga?

Veronika Lajos: Sim, uma boa pergunta. Sinto que estou cada vez mais interessada em fazer pesquisas e atividades educacionais em relação a estudantes internacionais. Como trabalhar junto ao Escritório de Relações Internacionais da universidade. Provavelmente também com base no feedback dos estudantes do ano passado, eles perceberam que poderíamos trabalhar juntos, então me convidaram novamente para fazer um workshop sobre adaptação cultural com estudantes internacionais neste outono. Então sim, de certa forma estou expandindo meu papel como antropóloga no ensino superior. Em termos de minha pesquisa, ainda tenho algumas reservas porque não quero usar estudantes internacionais como tokens. Sabe, isso me incomoda porque parece uma forma de abusar do meu poder como professora e fazer uso de relações de poder desiguais. Seria estranho. Talvez eu mude de ideia depois deste novo curso onde também uso métodos baseados em artes para fins educacionais, mas ainda tenho que pensar sobre isso.

Hitalo: Voltando aos programas de mestrado em Antropologia em inglês, você acha que eles têm algum tipo de relação — direta e indireta — ou têm algum tipo de impacto na Hungria ou estão deslocados e localizados apenas na Hungria?

Veronika Lajos: Boa pergunta de novo! A resposta é difícil. Talvez seu trabalho tenha tido algum impacto porque você estava trabalhando como estagiário para uma organização não-governamental húngara, então sua contribuição foi incorporada ao trabalho antropológico praticado por eles, mas a maioria dos outros alunos não tem relações diretas com húngaros, exceto estudantes. E, em geral, o tópico de pesquisa de estudantes internacionais não está conectado a nenhuma questão húngara. Infelizmente, por um lado, não há tantas ONGs que em que seus profissionais se considerem antropólogos praticantes, porque elas poderiam oferecer aos estudantes internacionais possibilidades de estágio em inglês — se esse fosse o caso, isso poderia ter um impacto na Hungria ou na antropologia húngara em um sentido mais amplo. Talvez haja uma oportunidade aqui que possamos aproveitar e começar a integrar estudantes internacionais na cena antropológica húngara. Não sei os detalhes exatos sobre o programa de mestrado em Antropologia Cultural na ELTE, mas acho que o trabalho dos alunos do mestrado em inglês lá também não é tão incorporado na antropologia e sociedade húngaras. Por outro lado, o problema também pode estar relacionado à comunicação, pois nem todos os acadêmicos húngaros sabem falar inglês, e os alunos internacionais não falam húngaro.

Indiretamente, quando tento uma atividade educacional com a turma húngara e funciona, também a realizo com alunos internacionais. E agora que estamos conversando, percebo que o que também nos falta em nosso programa é que não falamos muito sobre as instituições, campos de pesquisa, tópicos, etc. da antropologia húngara. Os alunos internacionais estudam antropologia na Hungria, mas não sabem muitas coisas sobre antropologia da Hungria. Então é meio estranho, não é?!



